

SOBRE A ICONICIDADE DA FORMA DE MÃO Y

Maria MERTZANI*

- RESUMO: Como parte de um projeto de pesquisa de dois anos, o estudo examina a iconicidade diagramática da forma de mão Y de duas línguas de sinais não-cognatas; a língua de sinais americana e a língua de sinais grega. Em uma amostra de sessenta e quatro sinais, e através de uma metodologia de leitura próxima, o estudo demonstra a associação da forma de mão específica com referentes do mundo real que têm simultaneamente forma redonda e angular (por exemplo, cilíndrica, cônica), ou apenas forma angular/linear. Também apoia a sua associação histórica com o antigo signo *mano cornuta*, abordando sua metonímia em significados relativos à quantidade, terra, vida, perda, luz e cavidade.
- PALAVRAS-CHAVE: forma de mão Y. *mano cornuta*. iconicidade. língua de sinais americana. língua de sinais grega.

Introdução

O estudo faz parte de um projeto de pós-doutorado de dois anos (fevereiro de 2014 a março de 2016) sobre o simbolismo da fonologia fechada de línguas naturais (orais e de sinais), que foi realizado na Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), Pelotas - RS, Brasil. Em particular, examinou a forma de mão Y como um fonema fechado de línguas de sinus (SLs), ao lado de forma de mão A e suas alofones (por exemplo, as formas de mão S e Å), com base na *iconicidade diagramática*, de acordo com a qual formas (por exemplo, fonemas) são *diagramas* ou *ícones* que “representam as relações das partes de uma coisa por relações análogas em suas próprias partes” (WAUGH, 1994, p.56), assemelhando-se e/ou imitando objetos em relação à similaridade de relações entre suas partes. Assim, nas SLs e nas línguas orais há iconicidade em seu léxico, e a chave para sua compreensão é comparar suas correspondências estruturadas. (EMMOREY, 2014).

Uma conexão entre a forma, o significado e os referentes do mundo real é possível através do simbolismo quando as unidades livres de conteúdo transmitem significado em certos contextos lingüísticos (AURACHER et al.2011; PERNISS; THOMPSON;

* Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), Centro de Letras e Comunicação, Pelotas – Rio Grande do Sul – Brasil. maria.d.mertzani@gmail.com. ORCID: 0000-0002-4617-9144

VIGLIOCCO, 2010). Portanto, cada objeto pode ter um nome inerentemente correto conhecido a partir do próprio objeto, a partir de seus dados denotados (PERNISS; THOMPSON; VIGLIOCCO, 2010). O estudo adota a tipologia do simbolismo de Hinton, Nichols e Ohala (1994) como a união direta entre forma e significado, onde certos fonemas e supra-segmentais “são escolhidos para representar consistentemente propriedades visuais, táteis ou proprioceptivas de objetos, como tamanho ou forma”. Essa relação é mais transparente nas SLs, já que eles fazem uso da iconicidade em uma extensão muito maior do que as línguas faladas (TAUB, 2001). Sua modalidade visual-manual fornece “recursos mais ricos para criar semelhanças estruturais entre forma e significado fonológico,” já que sua modalidade tridimensional visual “permite a expressão icônica de uma ampla gama de estruturas conceituais básicas, como ações humanas, movimentos, locais e formas de objetos” (EMMOREY, 2014, p.1574).

A investigação de tal analogia baseia-se no fato de que objetos visuais são caracterizados por fronteiras ou contornos que delimitam suas propriedades geométricas no espaço visual (por exemplo, tamanho, forma, localização) (BREITMEYER; TAPIA, 2011), e sua codificação deriva de combinações “de um número modesto de primitivos categorizados baseados em contrastes perceptivos simples” (BIEDERMAN, 1987, p.145), que podem permitir configurações canônicas. Foi então hipotetizado que a forma de Y é culturalmente selecionada para se assemelhar aos contornos encontrados em cenas naturais, especialmente aquelas de referenciais do mundo real.

O Estudo

Embora a forma de Y seja uma forma de mão *marcada* (em termos de sua frequência proporcional; não ocorre com frequência) na maioria das SLs (cf. VAN DER KOOIJ; CRASBORN, 2016) como na Língua Americana de Sinais (ASL) e na Língua Grega de Sinais (GSL), o estudo tem como objetivo mostrar alguns mapeamentos convergentes em determinado contexto e para semelhantes e/ou os mesmos referentes. Para os fins deste exame, foram utilizados os seguintes dicionários: (i) o *Online Dictionary of Concepts in GSL* pelo Educational Policy Institute (2013), e o *Dictionary of Sign Language* por Magganaris (1998); e (ii) o *American Sign Language handshape dictionary* por Tennant e Gluzak Brown (1998), dos quais 64 sinais envolvendo a forma de mão Y (nas mãos dominantes e não dominantes) foram extraídos (veja o Apêndice), seguindo a ordem de aparição nos dicionários.

Os sinais coletados também foram cruzados com os seguintes dicionários: para GSL, com o *Dictionary of Sign Language* por Logiadis e Logiadi (1985), e o *System of Greek Signs* por Triantafyllides (1990); e para ASL, com o *American Sign Language dictionary* por Costello (2008), e o *A historical and etymological dictionary of American Sign Language* por Shaw e Delaporte (2015). Além disso, foi utilizado o dicionário online *Spreadthesign* (2012), permitindo que os itens lexicais das duas SLs sejam comparados globalmente.

Os dados são relatados qualitativamente, com base numa abordagem de *leitura atenta* (close reading approach) (KANEKO; SUTTON-SPENCE, 2012) que envolveu o *modelo de construção analógica de três estágios* (TAUB, 2004) para demonstrar a relação entre a forma de mão Y, seu significado e referentes. Ao fazer isso, três etapas foram seguidas: a *seleção* de uma imagem mental associada ao conceito/referente original; a *esquematisação* de características essenciais da imagem; e a *codificação* do esquema resultante, a própria forma de mão Y. Os dados também envolveram estatística descritiva devido à pequena amostra do estudo.

Tabela 1 – Significados de ASL e sua frequência.

SIGNIFICADOS DE ASL	TOTAL
Quantidade, medida, similaridade, tempo	10
Terra, país, lugar, presença	5
Cabeça, atividade mental, borda	4
Cavidade, volume	4
Perda, ruim, negatividade	4
Vida, animais	3
Luz, cor	2
Movimento	2
Outro: líquidos; felicidade	2
TOTAL:	36

Fonte: Elaboração própria.

Resultados

Conforme as Tabelas 1 e 2, a forma Y em ASL (n = 36) e GSL (n = 28) é usada em quase os mesmos domínios semânticos, embora sua frequência seja diferenciada em cada SL. Na ASL, a forma refere-se mais frequentemente aos significados de ‘quantidade, medição e tempo’ (por exemplo, MEDIDA, ONTEM, OBESO), e ‘terra, localização, referência e presença’ (por exemplo, PAÍS, NOVA-IORQUE, PRESENTEMENTE), enquanto na GSL, aparece com mais frequência nos significados de ‘movimento’ (por exemplo, BRINCAR, DAR-UM-PASSEIO, TRICOTAR), ‘quantidade, medição e tempo’ (por exemplo, ETERNIDADE QUINTA-FEIRA), e ‘vida / animais’ (por exemplo, VACA, ANIMAIS, MAMÍFERO). A comparação revela domínios comuns, embora a articulação da maioria dos sinais seja diferente.

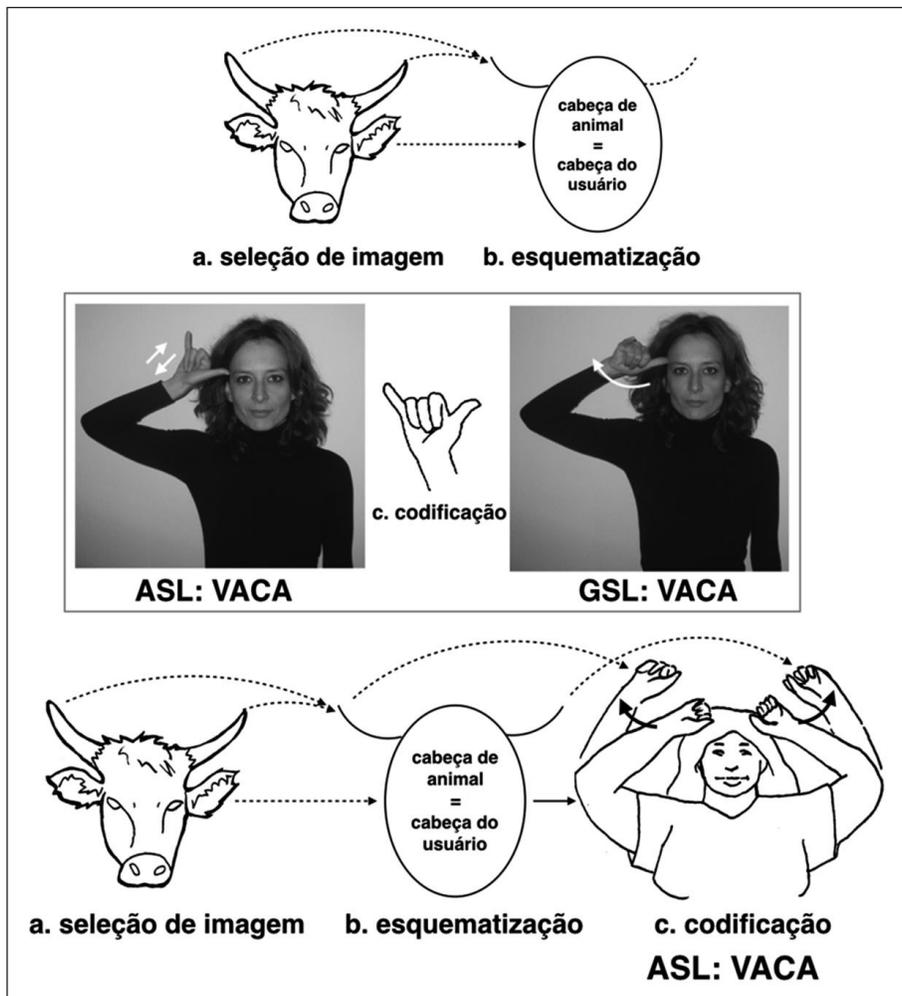
Tabela 2 – Significados de GSL e sua frequência.

SIGNIFICADOS DE GSL	TOTAL
Movimento	5
Quantidade, medida, tempo	5
Vida, animais	4
Terra, lugar, presença	3
Perda, ruim, negatividade	3
Comunidade	3
Outro: cavidade, felicidade, cabeça	3
Luz, cor	2
TOTAL:	28

Fonte: Elaboração própria.

A exceção é o sinal de VACA, pois é o mesmo em ambas as SLs, embora sua execução seja ligeiramente diferente no movimento da forma de mão (Fig. 1). No geral, a forma Y parece expressar animais, especialmente mamíferos (por exemplo, em ASL, TOURO, HIPOPÓTAMO, RINOCERONTE), um resultado que também indica uma preferência tanto pela ASL quanto pela GSL em relação à fonologia fechada para a representação de animais e organismos vivos. Neste caso, a forma Y corresponde, por exemplo, a boca aberta do animal (o hipopótamo), ao chifre de rinoceronte e/ou aos chifres de uma vaca ou touro (Fig. 2), em outras palavras, aos referentes cujos contornos visualmente formam um esquema arredondado e/ou carregam a redondeza, como os chifres cônicos dos animais. Na GSL, os sinais ANIMAIS e MAMÍFEROS são realizadas por essa forma específica, talvez devido à metonímia referente ao gado. Em ASL, os chifres também são executados pela forma de mão S (COSTELLO, 2008), um alofone da forma de mão A, que também imita a redondeza de seu referente. Ambas as mãos em uma forma O fechada imitam a exploração dos chifres, movidas para cima enquanto forma um pequeno arco, e terminam na forma S (veja a Fig. 1).

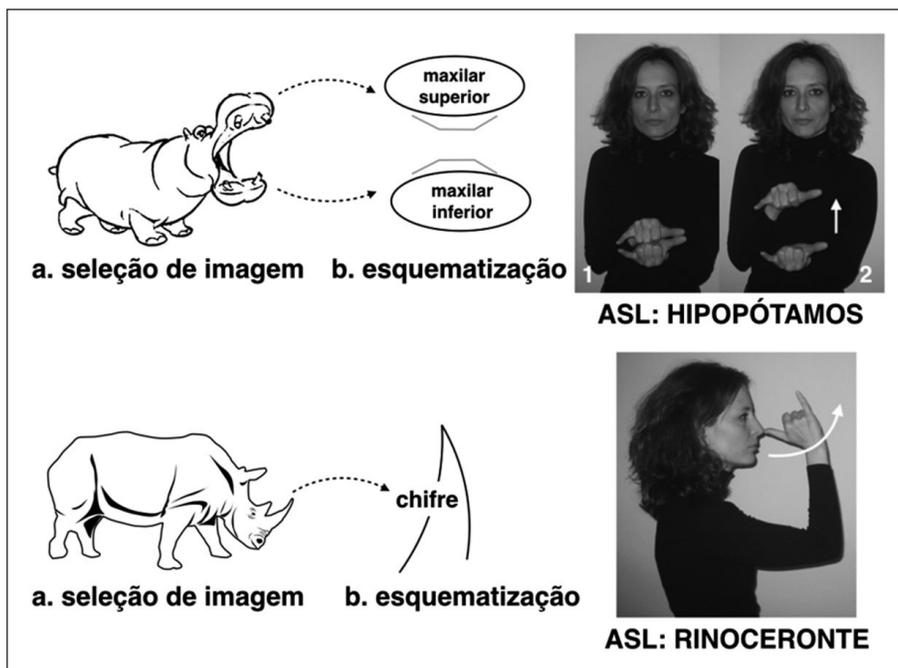
Figura 1 – O modelo de construção analógico para o sinal cow¹



Fonte: Elaboração própria.

¹ Em ambos os SLs, o sinal VACA também é de duas mãos, normalmente, porém, é executado como uma mão. Na GSL, também é um composto pelos sinais de CHIFRE (articulado com a forma Y) e LEITE (articulado com a forma S), descrevendo a cabeça do animal e sua ordenha.

Figura 2 – O modelo de construção analógico para os sinais em ASL, HIPOPÓTAMO e RINOCERONTE²



Fonte: Elaboração própria.

Baseado no modelo de construção analógica de três estágios, a forma Y no domínio ‘terra, localização, referência e presença’, demonstra sua associação com o simbolismo ‘animal / vida’. Por exemplo, nos sinais ESPANHA³ (na GSL) e HOLANDA⁴ (na ASL), representa a cabeça de uma vaca/touro, referindo-se, assim, à tourada na Espanha e ao gado para a pecuária leiteira na Holanda. Na GSL, o sinal ATENAS é gravado para ser expresso por tanto a forma Y (LOGIADIS; LOGIADI, 1985) e/ou por a forma A (Fig. 3), uma descoberta que atesta sua função alternativa. Nesse caso, sua fonologia fechada representa o lugar, a cidade (Atenas) no meio da forma B,⁵ denotando coletividade (por exemplo, a cidade como um grupo de pessoas) e, portanto, entidade. A sua indicação para o centro da forma B indica o epicentro do país como capital.

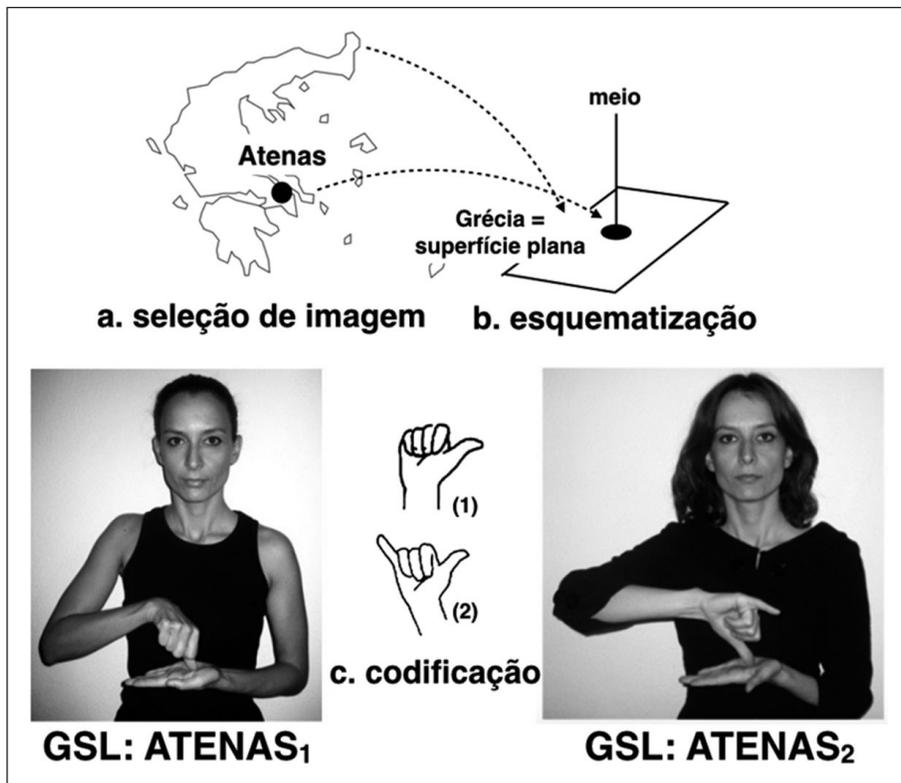
² No hipopótamo, os dedos da forma Y combinam com os dentes salientes do animal.

³ Este é um sinal antigo registrado por Triantafyllides (1991, p. 104). Atualmente, o sinal mudou e é articulado com a forma A.

⁴ Outra versão deste signo refere-se ao chapéu tradicional de seu povo.

⁵ Ambas as formas de mão denotam “terra/lugar”, mas a diferença está na primazia da mão. A forma de mão B tem um papel explicativo secundário em relação à forma em Y da mão principal. É subordinada, servindo como o locus onde o principal referencial (Atenas) está localizado.

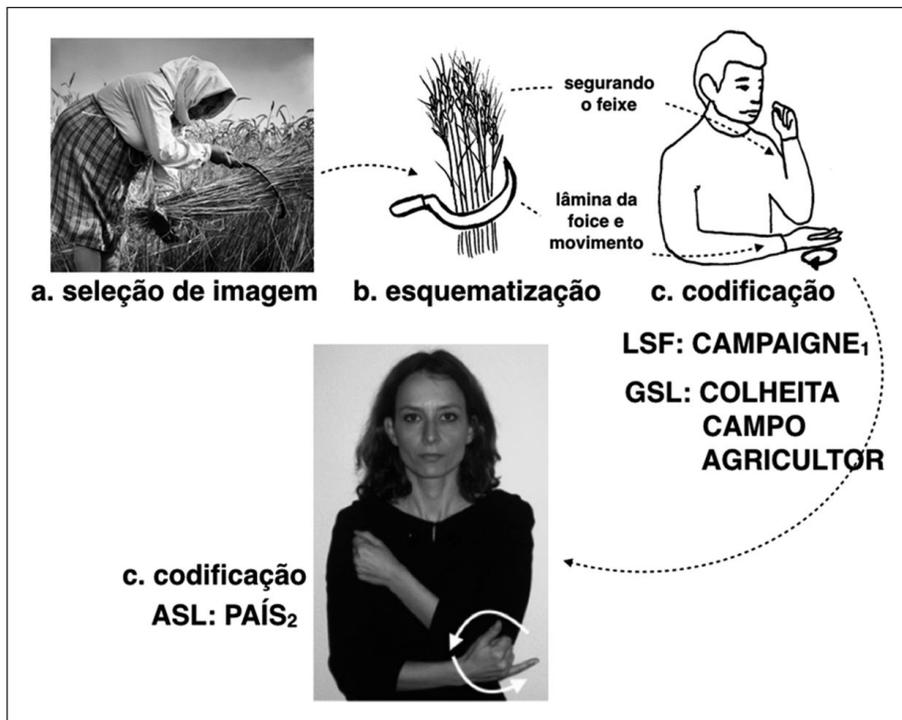
Figura 3 – O modelo de construção analógico para o sinal ATENAS em GSL



Fonte: Elaboração própria.

Na ASL, o sinal PAÍS (ou TERRA) refere-se a um estado ou nação ou seu território, e a áreas rurais, ao contrário de cidades e vilas (COSTELLO, 2008). De fato, sua etimologia é baseada no sinal francês CAMPAIGNE (campo), que imita a ação de colheita, o corte de trigo com uma foice (veja a Fig. 4). Este sinal de ASL (PAÍS) com a forma Y é a segunda e alternativa versão daquele com a forma B, que também vem do seu correspondente francês (cf. SHAW; DELAPORTE, 2015), imitando a superfície da lâmina da foice. O fato de que o domínio ‘terra’ é expresso por uma forma fechada (como a forma Y), corrobora com a pesquisa atual de simbolismo sonoro que mostra fonemas fechados (meio-para-trás) para se conectar a significados de terra, grandeza e/ou magnitude (MIALL, 2001; NOBILE, 2011).

Figura 4 – A etimologia do sinal PAÍS em ASL⁶



Fonte: Elaboração própria.

O domínio ‘comunidade’ aparece apenas na GSL, em que a forma Y denota relações familiares, como PRIMO e PARENTES. Essa é mais uma indicação do mapeamento da fonologia fechada para significados de grupos e relações sociais (veja acima para ATENAS), que, em certa medida, se associam ao domínio ‘vida’, como se referem ao *homem* em geral (e assim, para uma entidade). Para a GSL, quanto mais próxima é a relação familiar, mais fechada é a fonologia do sinal. Por exemplo, relações familiares de primeiro grau (por exemplo, MÃE, PAI) são executadas pela forma de mão A (na cabeça), fonologicamente uma forma mais fechada do que a forma Y, que expressa o segundo e/ou terceiro grau relativo (Fig. 5).

⁶ O sinal é originário do francês CAMPAIGNE (campo), que é exatamente o mesmo na GSL para COLHEITA, CAMPO, e AGRICULTOR.

Figura 5 – Exemplos da forma de mão Y no domínio da comunidade⁷

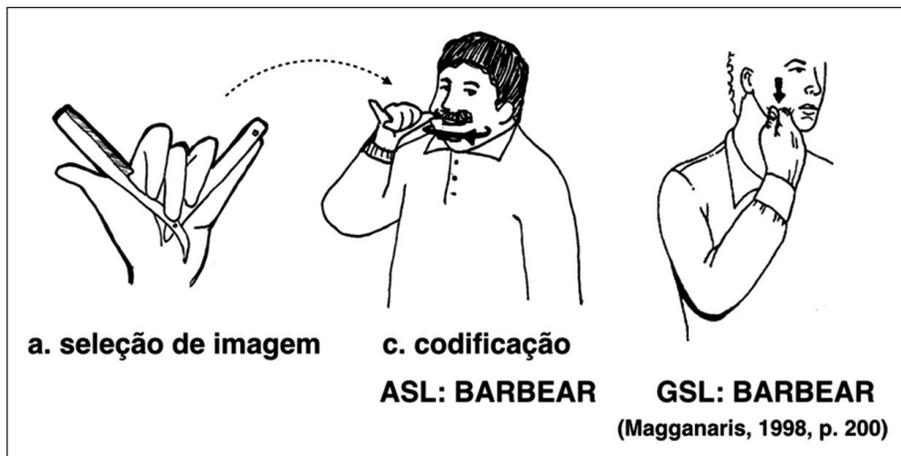


Fonte: Elaboração própria.

A correspondência fonológica também ocorre no domínio ‘cavidade-volume’ para os sinais AVIÃO e TELEFONE, em que a parte fechada da forma imita o volume do corpo das referências específicas, e seus dedos estendidos, as asas da aeronave e/ou o telefone. Na ASL, a forma H também se alterna com a forma Y para a articulação de AVIÃO. Neste domínio, a forma Y também imita a manipulação do referente (por exemplo, em ASL, FERRO e BARBEAR), mapeando assim parcialmente a sua redondeza, considerando, por exemplo, a forma redonda da pegada de um ferro e/ou a forma cilíndrica da aeronave (cf. BIEDERMAN, 1987, p.132). Embora haja alguma variedade no desempenho do FERRO em ASL, na GSL ele é assinado com a forma de mão Â, mostrando esse manuseio exato. Para o sinal BARBEAR, ambas as formas de mão aparecem, dependendo da forma da navalha, embora o movimento difira (Fig. 6). Essa alternância de configuração de mão também demonstra a forte analogia da forma Y com a forma do referente.

⁷ O fechamento da forma da mão indica uma direção centrípeta em direção ao usuário, e na cabeça (por exemplo, segurando a colher para alimentar no sinal MÃE). A forma de mão Y é fonologicamente mais aberta do que a forma de mão A, denotando direção longe de si mesmo, e facção.

Figura 6 – Os sinais BARBEAR em ASL e GSL⁸



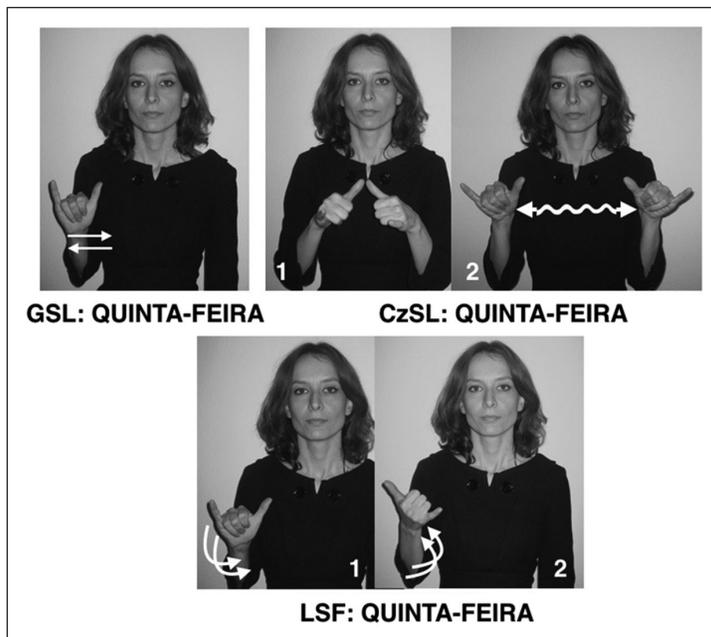
Fonte: Elaboração própria.

No domínio ‘quantidade, medida e tempo’, a forma Y aparece em primeiro lugar nos conceitos de tempo. Por exemplo, o sinal AINDA (transmite o conceito de continuidade no futuro; cf. COSTELLO, 2008; SHAW; DELAPORTE, 2015) aparece em ambas as SLs independentemente da sua articulação diferente. Além disso, o sinal ONTEM em ASL aparece com a forma de mão A e Y, enquanto na GSL, apenas com a forma A. Em outros casos, como na GSL para QUINTA-FEIRA, a forma Y é suportada para representar uma forma antiga do número cinco (TRANTAFYLLIDES, 1990), que é encontrada em outras SLs europeias (por exemplo, romena, checa, francesa; cf. SPREADTHESIGN, 2012) (Fig. 7), e no tradicional *shaka* havaiano que também representa o número cinco. A explicação mais provável para tal correspondência foi a antiga adoração generalizada de Vênus⁹ (como uma estrela da manhã e da noite, correspondendo ao sol e à lua), cujo símbolo de estrela de cinco pontas representava o número cinco. Portanto, a forma de mão, a *mano cornuta* bem conhecida, representava-a como a deusa da vaca (cf. MERTZANI, 2017). Curiosamente, o sinal de ASL QUINTA-FEIRA (e TERÇA) é realizado com a forma de mão T (também uma forma fechada) (COSTELLO, 2008), que na antiguidade era conhecida como *mano fico* (> Latin, *fica*: vulva), a forma de mão de Vênus também.

⁸ Em GSL, a forma de mão A é usada quando o sinal se refere à máquina de barbear. Quando a articulação se refere à navalha da imagem, a forma Y é usada.

⁹ Artefatos arqueológicos mostram que o polegar e o dedo mínimo, partes da forma de Y, eram dedicados a Vênus, o sol e a lua, e envolviam representações com chifres, como uma cabeça feminina com chifres (ELWORTHY, 1900).

Figura 7 – A forma de mão Y no sinal QUINTA-FEIRA



Fonte: Elaboração própria.

Na GSL, os meses de verão JUNHO e JULHO são gravados para serem assinados pela forma Y (LOGIADIS; LOGIADI, 1985, p.72), embora suas formas inicializadas sejam preferidas atualmente. Além disso, Triantafyllides (1990) documentou junho com a forma \hat{A} , sugerindo sua origem na competição¹⁰ escolar no final do ano letivo. Seguindo essa interpretação, as formas de mão parecem significar duas entidades opostas, muito provavelmente, considerando a gravação mais antiga da forma Y, dois animais com chifres, como ocorre no sinal de ASL ANTAGÔNICO (ver abaixo). Esta noção de entidade pode ser reivindicada para o sinal ETERNIDADE, como se alguém se movesse para frente no futuro. Sob os significados da ‘medida’ (em ASL, MEDIDA, RÉGUA, TAMANHO), a forma Y se relaciona novamente com unidades padrão, como na GSL para o número cinco, e/ou para instrumentos marcando as unidades (por exemplo, a régua).

No domínio ‘movimento’, a forma Y se associa a significados como ‘caminhar’ e ‘brincar’ (por exemplo, DAR-UM-PASSEIO, BRINCAR). Nestes, a forma Y representa a entidade inteira agindo (um humano, um animal, etc.), como é encontrada em outras SLs (FRISBERG, 1979; HERLOFSKY, 2007; TANG; YANG, 2007; TANG, 2003). A iconicidade é mais forte quando a representação envolve máquinas/instrumentos (cf. PADDEN; MEIR; HWANG, et al., 2014), como dos sinais de ASL ELABORAÇÃO/

¹⁰ Em língua de sinais italiana, junho também denota competição, realizado por mãos fechadas; seja pela forma A ou pela X (SPREADTHESIGN, 2012).

ENGENHARIA e TRICOTAR, onde o manuseio também está envolvido (por exemplo, o manuseio de agulhas de tricô ou parafusamento). Com relação ao sinal BRINCAR em ASL, Shaw e Delaporte (2015, p.203) associam sua etimologia ao sinal francês JOUER (brincar) representando os dois Js (como formas de mão inicializadas). O sinal, porém, é executado quase da mesma maneira em outras SLs (por exemplo, brasileira, turca, indiana; cf. SPREADTHESIGN, 2012), que não estão relacionadas com a Língua Francesa de Sinais (LSF), como GSL, dentro de uma grande distância geográfica.

Menos frequentemente, o exame semântico de GSL e ASL demonstrou que a forma Y denota conceitos de ‘luz’ em termos do espectro de luz. Assim, a forma de mão refere-se a cores brilhantes como AMARELO e LOIRO em ASL, e AZUL e BEGE em GSL (Fig. 8). O resultado dessa comparação corrobora a pesquisa psicolinguística que associa a fonologia fechada (por exemplo, as vogais redondas /o/ e /u/) para as mesmas cores (MARKS, 1982; TAMBOVTSEV, 1988). Em ASL, o sinal AMARELO também é usado como a segunda forma de mão para o sinal OURO, que, por sua vez, é usado para o sinal CALIFÓRNIA, devido à conexão do estado com a extração de ouro (COSTELLO, 2008; SHAW; DELAPORTE, 2008). Neste sinal, a forma de mão Y refere-se etimologicamente à inicialização do francês <J> da palavra *jaune* (amarelo) (SHAW; DELAPORTE, 2008), que, posteriormente, leva à palavra *iaune* e, portanto, a Io ou a Vênus (cf. MERTZANI, 2017), cujo símbolo foi a vaca como acima mencionado.

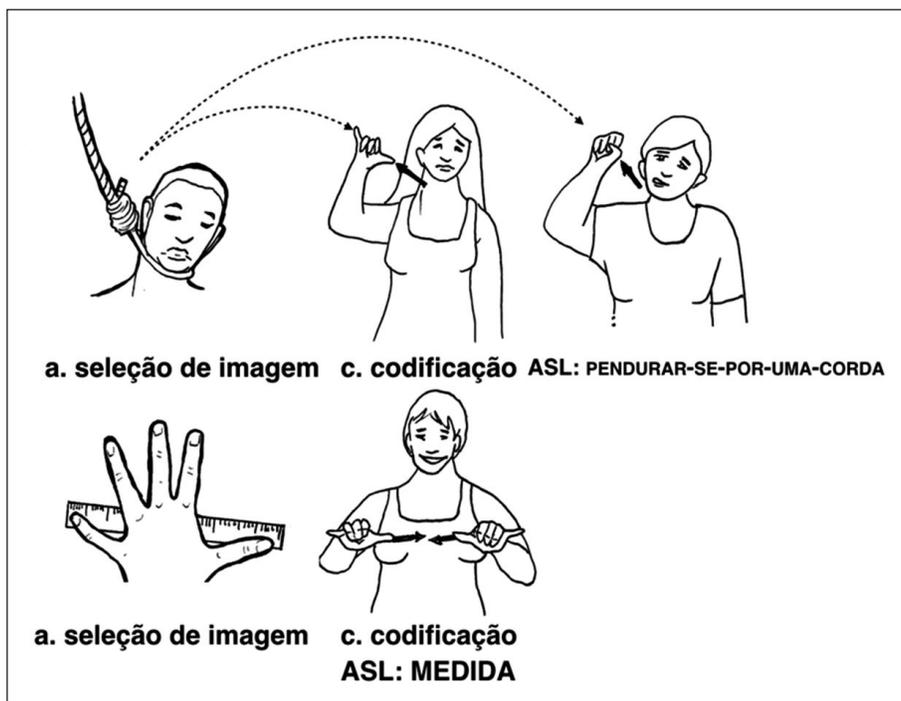
Figura 8 – A forma de mão Y no domínio luz e cores



Fonte: Elaboração própria.

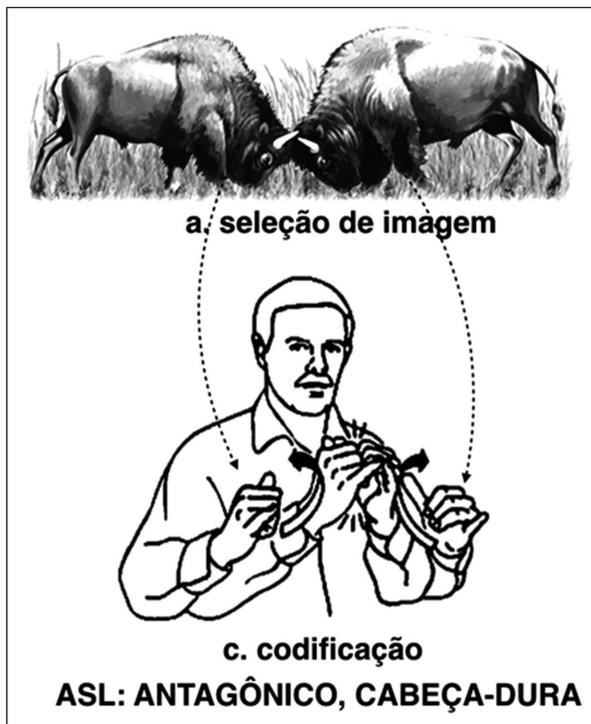
No domínio ‘perda/dano’, a forma Y se refere ao manuseio de objetos como em ASL, o sinal **PENDURAR-SE-POR-UMA-CORDA**, que é executado tanto pela forma de mão A quanto pela forma de mão Y. Neste caso, a extensão dos dedos corresponde à linearidade do referente (por exemplo, a corda), como ocorre no domínio ‘quantidade, medição e tempo’ para **MEDIDA**, **TAMANHO** e **RÉGUA** em ASL (cf. COSTELLO, 2008; SHAW; DELAPORTE, 2015) (Fig. 9). Outra representação mimética é o sinal **ANTAGÔNICO** (cf. CONTRÁRIO, **CABEÇA-DURA**, **RABUGENTO**), cuja forma Y representa dois animais se opondo um ao outro, com suas cabeças e chifres se encontrando (COSTELLO, 2008), correspondendo assim aos domínios ‘vida/animal’ e ‘cabeça/borda’ (Fig. 10).

Figura 9 – Exemplos de uso de forma Y nos domínios ‘perda/dano’ e ‘quantidade, medição e tempo’



Fonte: Elaboração própria.

Figura 10 – A forma de mão Y no sinal de ASL ANTAGÔNICO e seus sinônimos



Fonte: Elaboração do autor.

Em ASL, IMPOSSÍVEL está etimologicamente ligado ao seu signo cognato francês (SHAW; DELAPORTE, 2015), em que a forma Y parece representar a cabeça, correspondendo, portanto, à ‘borda/cabeça’ e, por extensão, aos domínios ‘vida/animal’. O sinal sob o mesmo conceito existe na GSL (por exemplo, na GSL, IMPOSSÍVEL, NUNCA), embora a execução seja diferente (Fig. 11). Curiosamente, a etimologia de ERRADO em ASL (cf. ACIDENTALMENTE, POR-ENGANO; COSTELLO, 2008), também mostra sua conexão com o sinal francês TROMPER (enganar), que foi baseado na mano cornuta. Além disso, sob este mesmo domínio de ‘perda/dano’, esta conexão com a mano cornuta é mostrada para o sinal de ASL BOBO (SHAW; DELAPORTE, 2015), bem como para os sinais IRONIA e SARCÁSTICO (COSTELLO, 2008), que são executados tanto pela forma Y como pela forma H.

Figura 11 – A forma de mão no sinal IMPOSSÍVEL



Fonte: Elaboração própria.

Embora seja encontrada uma vez em ASL e GSL no domínio ‘felicidade’, a articulação do sinal ENTRETENIMENTO concorda com o sinal DAR-UM-PASSEIO (cf. domínio do movimento) e sua etimologia dada através do sinal BRINCAR. Além disso, o sinal de ASL CÔMICO/HUMOROSO é etimologicamente explicado pela mano cornuta, justificando assim a sua fonologia fechada para os domínios ‘cabeça/borda’ e/ou ‘animal/vida’.

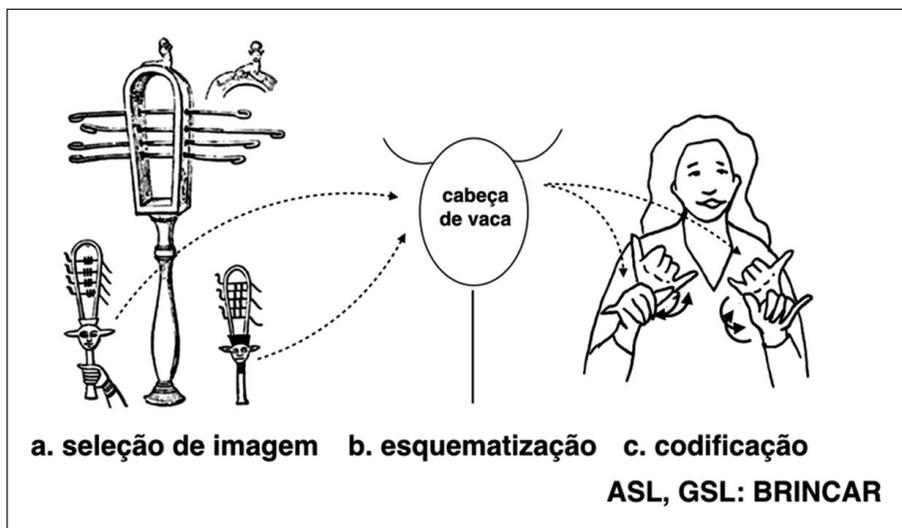
O significado ‘líquidos’ foi encontrado apenas no ASL, como no sinal BÊBADO, em que a forma Y representa a ação física de beber de uma garrafa. Representações similares são documentadas em ASL para os sinais LOÇÃO e PERFUME (COSTELLO, 2008), enquanto em GSL, a forma de mão A° é preferida (por exemplo, ÓLEO, BEBER) imitando a forma redonda de garrafas, copos e vasos (cf. also BAKER; COKELY, 1980).

Discussão e conclusão

Embora a frequência da forma Y seja rara, sua comparação em ASL e GSL demonstrou convergência fonológica quase sob os mesmos domínios semânticos. De fato, essa correspondência parece ser devida à função metonímica da forma Y, sob o significado principal de uma vaca. Seguindo a etimologia do ASL na LSF, o sinal VACA encontra-se no domínio ‘terra’ (por exemplo, ESPANHA, HOLANDA, CALIFÓRNIA); no domínio ‘luz’ (OURO, AMARELO, LOIRO); no domínio ‘perda/dano’ (ANTAGÔNICO, IMPOSSÍVEL, BOBO, ERRADO); e nos domínios ‘felicidade’ (CÔMICO, HUMOROSO) e ‘movimento’ (ENTRETENIMENTO). Da mesma forma, GSL usou este sinal nos significados de ‘animal/vida’, ‘quantidade/medida’ (por exemplo, QUINTA-FEIRA), e nos domínios ‘luz’ (AZUL, BEGE) e ‘movimento’ (BRINCAR). Sob todos esses significados, o sinal VACA está ligado ao antigo mano cornuta, que era sagrado para Vênus e Deusa Mãe em geral. Esta explicação também confirma a conexão francesa e as etimologias de Y na letra <J> (cf. SHAW; DELAPORTE, 2015).

Por exemplo, a etimologia do sinal BRINCAR de *jouer* (> Latim *iocārī* > *iocus* > AG: *ἰωγή*: um grito de alegria ou dor) leva à vaca Io (cf. além disso *íó*: exclamação de alegria ou tristeza), à mano cornuta, e seu sistrum, que este estudo sugere ser representado pelos sinais DAR-UM-PASSEIO (cf. também *ἰω*, to go), e BRINCAR (e ENTRETENIMENTO). Da mesma forma, para a etimologia dos franceses *jaune-iaune* para os sinais AMARELO, OURO e CALIFÓRNIA. Nesses casos, a forma Y representa a vaca (sua cabeça) e o manuseio e rotação do instrumento (o sistrum). Na verdade, o cabo do sistrum usado para representar a face da vaca da deusa (Fig. 12). Além disso, suas cores sagradas foram as deste estudo (por exemplo, azul¹¹ e branco) (GUBERNATIS, 1872), que também são denotados nos significados de aloha¹² (por exemplo, brilhar, luz branca; cf. ANDREWS, 1922) com o qual o shaka havaiano se associa. Em outras culturas, como nos aborígenes australianos (o povo Walmajarri), a forma Y do sinal KUNGA significa mulher, que também concorda com os significados em discussão. Mais uma vez, a conexão da mulher com este sinal é explicada pela antiga representação do triângulo púbico (o útero e as trompas de falópio) como a cabeça da vaca (MERTZANI, 2017).

Figura 12 – A associação do BRINCAR com o sistrum



Fonte: Elaboração própria.

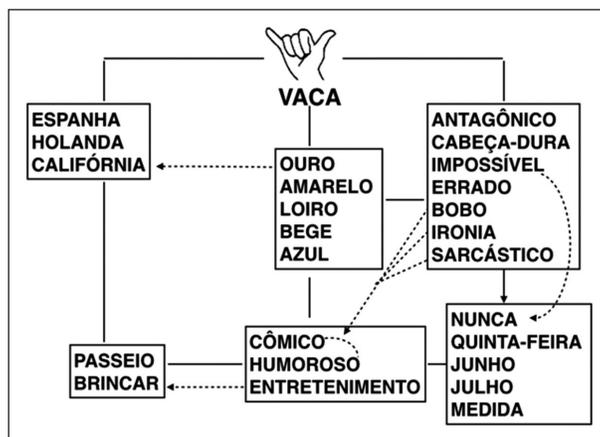
No geral, a forma Y mapeia as formas de seus referentes. Na maioria dos casos, corresponde ao semicírculo e/ou à forma U, isto é, a foice da lua, os chifres, as mandíbulas e o tubo; em outras palavras, aos referentes que carregam simultaneamente redondeza e angularidade/linearidade, ou apenas angularidade/linearidade (Fig. 13).

¹¹ Na Língua de Sinais Espanhola, a cor azul é articulada com as formas Y e H.

¹² A etimologia de aloha (e seus derivados, *alohi*, *alohikea*, etc.) envolve as palavras: *alo*, a face; *ha*, a cor azul; e *oi*, o fluxo de água, o mar (ANDREWS, 1922).

No que diz respeito a este último, os dedos estendidos da mão Y correspondem à forma linear de, isto é, a corda, a régua e a lâmina, um resultado que lembra Gibson (1929) argumentando sobre a representação da angularidade e/ou linearidade através da redondeza, mas não o contrário. Ou seja, uma forma redonda não pode ser representada por formas lineares/angulares. Neste caso, o fechamento da forma Y é análoga ao fechamento do círculo, que, nos sinais em estudo, corresponde, por exemplo, ao volume de uma pessoa obesa, ao corpo cilíndrico do plano, e ao manejo dos itens (o telefone, ferro, garrafa, etc.). Essa relação é mais clara em sinais articulados tanto pela forma Y quanto pela forma A (ou seus alofones), já que a segunda é uma forma de fechamento completa e, portanto, análoga ao círculo.

Figura 13 – Sinais produzidos pela forma Y como mano cornuta



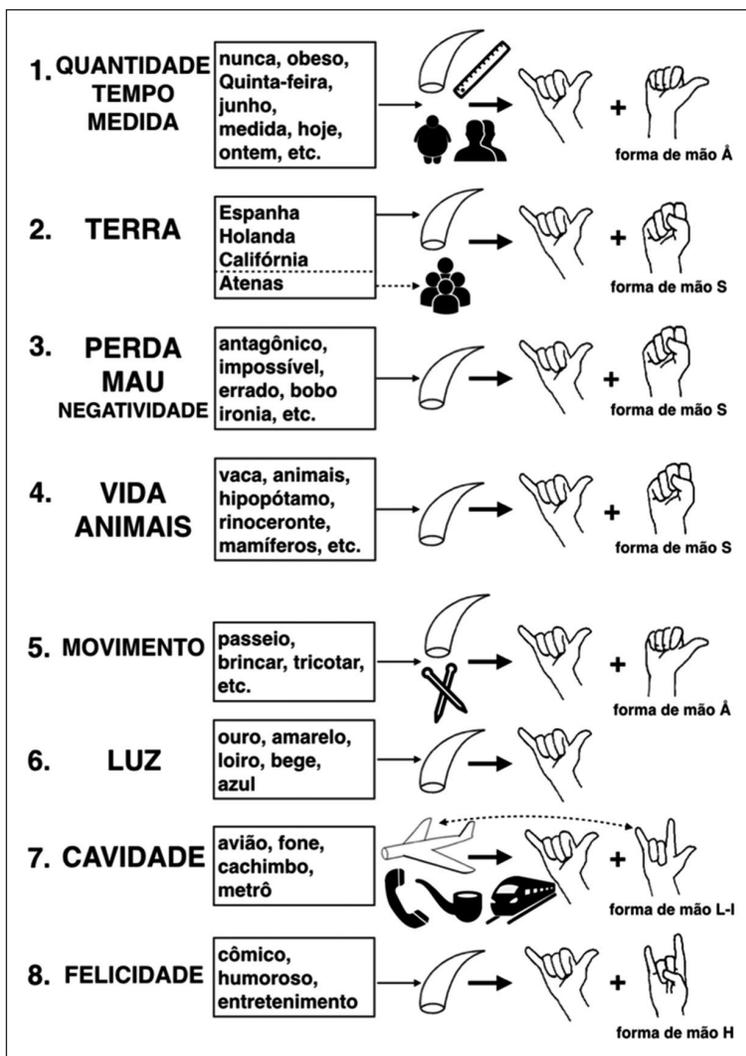
Fonte: Elaboração própria.

Há também poucas ocasiões em que a forma Y se alterna com a forma H que também se conecta à mano cornuta. Devido a essas associações, o estudo aborda a necessidade de estabelecer um quadro comparativo em que lingüística, arqueologia e/ou antropologia possam fornecer evidências pertinentes para melhor compreensão de tal convergência transcultural dentro de um continuum histórico. Tal análise, especialmente onde a forma Y é considerada para representar as letras das línguas orais (por exemplo, <J>), sugere um exame cuidadoso da etimologia dos signos lexicalizados, consultando a lingüística histórica e comparativa. A mano cornuta é um exemplo ilustrativo, pois compartilha um passado histórico e cultural com as SLs modernas, cognatas e não-cognatas.

Baseada em abundante iconografia arqueológica e artefatos, a forma de mão específica (como uma forma Y e H) é registrada não apenas na Europa e no Mediterrâneo, mas também nas Américas do Norte, Central e do Sul, e em Ásia (China, Índia, etc.) através da história. Além disso, pessoas surdas usaram línguas de sinais indígenas na América do Norte antes de entrar em contato com a LSF (MCKEE; KENNEDY, 2000;

STOKOE, 2001), enquanto, baseado em fontes gregas antigas (por exemplo, Platão), os surdos da época deveriam estar familiarizados com o contexto e o uso de mano cornuta. Como resultado, ao longo do processo de convencionalização diacrônica (DEMEY; VAN HERREWEGHE; VERMEERBERGEN, 2008), parte de suas qualidades icônicas permaneceu intacta e, à medida que seu léxico se desenvolveu, analogias estruturais foram criadas (principalmente por causa da polissemia lexical) de acordo com fatores contextuais, devido aos quais ela perdeu sua iconicidade original. A Fig. 14 exibe tais conexões em ASL e GSL, com base nos resultados deste estudo para a forma Y.

Figura 14 – Resumo da forma Y nos domínios semânticos



Fonte: Elaboração própria.

O estudo limitou-se a examinar as categorias conceituais sob as quais os sinais de mãos Y das duas SLs foram classificados. Assim, o objetivo não foi revelar - em uma comparação sinal-sinal (como na metodologia da lexicostatística) - sinais idênticos e/ou similares, principalmente porque a pequena amostra não permitiria tal conduta de pesquisa. No entanto, sua metodologia de leitura atenta permitiu a compreensão profunda das conexões semânticas, determinando possíveis relações históricas dos signos e analogias significativas no vocabulário das duas SLs.

Agradecimento

Este estudo foi financiado pela CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Código: 42003016039P5). Agradeço à minha colega Mirna Xavier Gonçalves UFPEL, de Pelotas - RS, por suas ilustrações em língua de sinais neste estudo. Ela possui os direitos autorais deste trabalho.

MERTZANI, M. On the iconicity of the y-handshape. *Alfa*, São Paulo, v.62, n.3, p.613-635, 2018.

- *ABSTRACT: As part of a two-year research project, the study examines the diagrammatic iconicity of the Y-handshape of two non-cognate sign languages; the American Sign Language and Greek Sign Language. In a sample of sixty-four signs, and through a close reading approach, it demonstrates the association of the specific handshape with real-world referents that have simultaneously a round and angular form (e.g. cylinder; cone), or only an angular/linear shape. It also shows its historic association with the ancient traditional sign mano cornuta, addressing its metonymy in meanings relating to quantity, earth, life, loss, light and cavity.*
- *KEYWORDS: Y-handshape. mano cornuta. iconicity. American Sign Language. Greek Sign Language.*

REFERÊNCIAS

ANDREWS, L. **A Dictionary of the Hawaiian language**. Honolulu, Hawaii: The Board of Commissioners of Public Archives of the Territory of Hawaii, 1922.

AURACHER, J.; Albers, S.; Zhai, Y.; Gareeva, G.; Stavniychuk, T. P is for Happiness, N is for Sadness: Universals in Sound Iconicity to Detect Emotions in Poetry. **Discourse Processes**, n.48, p.1-25, 2011.

BAKER-SHENK, C. L.; COKELY, D. **American Sign Language: A Teacher's Resource Text on Grammar and Culture**. Washington, DC: Gallaudet University Press, 1980.

BIEDERMAN, I. Recognition-by-Components: A Theory of Human Image Understanding. **Psychological Review**, n.94(2), p.115-147, 1987.

BREITMEYER, B. G.; TAPIA, E. Roles of Contour and Surface Processing in Microgenesis of Object Perception and Visual Consciousness. **Advances in Cognitive Psychology**, n.7, p.68-81, 2011.

COSTELLO, E. **American Sign Language Dictionary**. New York, NY: Random House, 2008.

DEMEY, E.; VAN HERREWEGHE, M.; VERMEERBERGEN, M. Iconicity in Sign Languages. In: WILLEMS, K.; DE CUYPERE, L. (Ed.). **Naturalness and Iconicity in Language**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2008. p.189-214.

EDUCATIONAL POLICY INSTITUTE. **Online Dictionary of Concepts in GSL**. Athens, Greece: National Strategic Reference Framework ESPA 2007-2013, Operational Programme "Education and Lifelong Learning," 2013. Disponível em: <<http://prosvasimo.gr/el/online-lexiko-ennoiwn>>. Acesso em: 1 mar. 2016.

ELWORTHY, F. T. **Horns of Honour and Other Studies in the By-Ways of Archaeology**. London: John Murray, 1900.

EMMOREY, K. Iconicity as Structure Mapping. **Philosophical Transactions of the Royal Society B**, n.369, ago. 2014. Disponível em: <<http://rstb.royalsocietypublishing.org/content/369/1651/20130301>>. Acesso em: 15 mar. 2016.

FRISBERG, N. Arbitrariness and Iconicity: Historical Change in American Sign Language. **Language**, n.51(3), p.696-719, 1979.

GIBSON, J. J. The Reproduction of Visually Perceived Forms. **Journal of Experimental Psychology**, n.12(1), p.1-39, 1929.

GUBERNATIS, A. **Zoological Mythology or the Legends of Animals**. v.I. London: Trubner & Co, 1872.

HERLOFSKY, W. J. Iconic Thumbs, Pinkies and Pointers. The Grammaticalization of Animate-Entity Handshapes in Japan Sign Language. In: TABAKOWSKA, E.; LJUNGBERG, C.; FISCHER, O. (Ed.). **Insistent Images**. Amsterdam, The Netherlands: John Benjamins, 2007. p.37-53.

HINTON, L.; NICHOLS, J.; OHALA, J. J. Introduction: Sound-Symbolism Processes. In: OHALA, J. J.; HINTON, L.; NICHOLS, J. (Ed.). **Sound Symbolism**. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1994. p.1-12.

KANEKO, M.; SUTTON-SPENCE, R. Iconicity and Metaphor in Sign Language Poetry. **Metaphor and Symbol**, n.27(2), p.107-130, 2012.

LOGIADIS, N.; LOGIADI, M. N. **Dictionary of Sign Language**. Λεξικό νοηματικής γλώσσας (in Greek). Athens: Potamitis Press, 1985.

MAGGANARIS, T. **Sign Language Dictionary**. Εγχειρίδιο νοηματικής γλώσσας (in Greek). Thessaloniki: European Social Fund “Employment – HORIZON” & Aristotle University of Thessaloniki, 1998.

MARKS, L. E. Bright Sneezes and Dark Coughs, Loud Sunlight and Soft Moonlight. **Journal of Experimental Psychology: Human Perception and Performance**, n.8(2), p.177-193, 1982.

MCKEE, D.; KENNEDY, G. Lexical Comparison of Signs from American, Australian, British, and New Zealand Sign Languages. In: EMMOREY, K.; LANE, H. (Ed.). **The Signs of Language Revisited: An Anthology to Honor Ursula Bellugi and Edward Klima**. Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 2000. p.49-76.

MERTZANI, M. Iconicity in Ancient Languages. A Case Study of KA-RA in Greek. **Cadernos do LEPAARQ**, n.14(27), p.72-88, 2017.

MIALL, D. S. Sounds of Contrast: An Empirical Approach to Phonemic Iconicity. **Poetics**, n.29, p.55-70, 2001.

NOBILE, L. Words in the mirror: Analysing the sensorimotor interface between phonetics and semantics in Italian. In: MICHELUCCI, P.; FISCHER, O.; LJUNGBERG, C. (Ed.). **Iconicity in Language and Literature 10: Semblance and Signification**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2011. p.101-132.

Padden, C.; Meir, I.; Hwang, S.; Lepic, R.; Seegers, S.; Sampson, T. Patterned Iconicity in Sign Language Lexicons. **Gesture**, n.13(3), p.287-308, 2013.

PERNISS, P.; THOMPSON, R. L.; VIGLIOCCO, G. Iconicity as a General Property of Language: Evidence from Spoken and Signed Languages. **Frontiers in Psychology**, n.1(227), dez. 2010. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3153832/>>. Acesso em: 15 mar. 2016.

SHAW, E.; DELAPORTE, Y. **A Historical and Etymological Dictionary of American Sign Language**. Washington, DC: Gallaudet University Press, 2015.

SPREADTHESIGN. Örebro, Sweden: European Sign Language Centre, 2012. Disponível em: <www.spreadthesign.com>. Acesso em: 1 mar. 2016.

STOKOE, W. C. **Language in Hand. Why Sign Came Before Speech**. Washington, DC.: Gallaudet University Press, 2001.

SUPALLA, T. Revisiting Visual Analogy in ASL Classifier Predicates. In: EMMOREY, K. (Ed.). **Perspectives von Classifier Constructions in Sign Language**. Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 2003. p.249-258.

TAMBOVTSEV, Y. A. Associations of Colors with Russian Vowels. **Bulletin of the Psychonomic Society**, n.26(4). p.353-354, 1988.

TANG, G. Verbs of Motion and Location in Hong Kong Sign Language: Conflation and lexicalization. In: EMMOREY, K. (Ed.). **Perspectives on Classifier Constructions in Sign Language**. Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 2003. p.143-166.

TANG, G.; YANG, GU. Events of Motion and Causation in Hong Kong Sign Language. **Lingua**, n.117, p.1216-1257, 2007.

TAUB, S. F. **Language from the Body: Iconicity and Metaphor in American Sign Language**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

TENNANT, R. A.; GLUSZAK BROWN, M. **The American Sign Language Handshape Dictionary**. Washington, D.C.: Gallaudet University Press, 1998.

TRIANAFYLLIDES, G. **System of Greek signs**. Σύστημα ελληνικών νευμάτων (in Greek). Thessaloniki: “The friends of the Deaf in Thessaloniki” Club, 1990.

VAN DER KOOIJ, E.; CRASBORN, O. A. Chapter 11: Phonology. In: BAKER, A.; VAN DEN BOGAERTE, B.; PFAU, R.; SCHERMER, T. (Ed.). **The Linguistics of Sign Languages: An Introduction**. Amsterdam: John Benjamins, 2016. p.251-278.

WAUGH, L. R. Degrees of Iconicity in the Lexicon. **Journal of Pragmatics**, n.22, p.55-70. 1994.

Apêndice

SINAIS DE ASL	SINAIS DE GSL
AH-EU-VEJO	VACA
AMARELO	IMPOSSÍVEL
FICAR, PERMANECER, AINDA	AVIÃO
EU-TAMBÉM, EM-COMUM, MESMO, SIMILAR	SOBRINHO
VACA, TOURO	DAR-UM-PASSEIO
BÊBADO	ENTRETENIMENTO
LOIRO	ANIMAIS
TELEFONE	AZUL
HOLANDA, HOLANDÊS	PRIMO
BOBO, ABSURDO, LOUCURA, TOLO, RIDÍCULO	JOGO, BRINCAR
PENDURAR-SE-POR-CORDA	QUINTA-FEIRA
BARBEAR	CACHIMBO
ERRO, ERRADO	NUNCA
ONTEM	POUSAR (AVIÃO)
AQUELE	PARENTES
IMPOSSÍVEL	BANHEIRO, WC
HIPOPÓTAMO	AINDA
PASSAR-ROUPA	ETERNIDADE, CONTINUAMENTE
MEDIR	TRICOTAR
NOVA-YORK	TOURO
RINOCERONTE	ESPANHA
METRÔ	JUNHO
PORQUE	LENTO
JOGAR	PASSEIO
AGORA, PRESENTEMENTE	ÂTENAS
CONTRÁRIO, ANTAGÔNICO, CABEÇA-DURA, RABUGENTO	MAMÍFEROS
MEDIDA, RÉGUA, TAMANHO	PRESA
AINDA-ASSIM, AINDA	BEGE
UNIFORME, UNIVERSAL	
HUMOROSO, CÔMICO	
ELABORAÇÃO, ENGENHARIA	
GORDO, OBESO	
PAÍS	
PALAVRA-GRANDE	
JURAR, AMALDIÇOAR	
HOJE	

